

## INVISÍVEL MAS PRESENTE NA CULTURA DA ESCOLA: O GRUPO DE MENINAS: "TURMA DA MÃO PRETA"

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de PPGE - UFSCar

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti PPGE - UFSCar

### 1) A posição de aluno na cultura da escola

Vários estudos têm abordado diferentes aspectos da cultura da escola. Apple (1997) nos adverte que para realizamos uma análise da escola, se não nos ativermos ao modo como o aluno interage com os elementos escolares e qual o sentido todo esse conjunto faz na sua história pessoal, deixamos de lado dados importantes para o entendimento de como o conhecimento ali opera. Forquin (1993, p.167) nos lembra de que não podemos nos esquecer que *a escola é também um "mundo social" que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e gestão de símbolos.*

Outra referência fundamental para o entendimento dos saberes construídos pelos alunos na trajetória escolar é a sociologia da educação centrada na vida cotidiana, nas práticas, nas atividades e estratégias dos alunos e dos professores no seio de uma organização apresentada por Perrenoud (1995).

O autor indica que o ofício de aluno é *sui generis* por um conjunto de características presentes em vários outros ofícios: é menos livremente escolhido que outro; depende fortemente de um terceiro até nos seus pormenores e sua relação com o tempo; exerce-se permanentemente sob o olhar e o controle de terceiros e está constantemente sujeito ao princípio de uma avaliação das qualidades e dos defeitos da pessoa, da sua inteligência, da sua cultura, do seu caráter. (1995).

Como afirma Perrenoud (1995) na escola, com em qualquer organização, os alunos mantêm uma relação estratégica com as regras e mesmo na escola primária, bem longe de realizarem continuamente tudo o que se lhes pede, ainda que com um sucesso desigual, os alunos tentam negociar ou virar a seu favor as regras e as ordens. Essas estratégias vão desde a agir segundo as regras e jogar com as regras. As escolhas dos atores sociais depende de múltiplos parâmetros da capacidade muitas vezes de virarem as regras a seu favor sem lhes oporem abertamente.

Da maneira semelhante, apenas os dirigentes têm formalmente o poder de redefinir as regras do jogo, de criarem as políticas, a divisão do trabalho etc. Na escolaridade obrigatória, a maioria dos alunos, individual ou coletivamente têm uma intervenção mínima sobre o sistema. Considerados como imaturos, irresponsáveis, incapazes de gerirem a sua própria vida são fortemente dependentes dos adultos, colocados sob sua vigilância e poder. Assim, as estratégias criadas por eles são essencialmente defensivas e consistem em jogar com as regras, em contorná-las, escapar delas ou negociar a sua aplicação caso a caso.

Perrenoud (1995) nos adverte de que hoje ainda se hesita em considerar as crianças como atores sociais de corpo inteiro, cujos interesses reais poderiam, por vezes, opor-se aos dos pais ou professores. Ao considerarem que sabem o que é bom para a criança os adultos também crêem que qualquer oposição é perversa.

Esse autor alerta que se o funcionamento real do grupo-turma, das interações, da situação escolar desmentem constantemente a mensagem pedagógica, os valores proclamados, os conteúdos aparentes do ensino isso fatalmente leva a uma impotência das pedagogias mais prometedoras. Isso situa a relevância do trabalho em procurar mostrar esse funcionamento e essas interações sob o ponto de vista dos alunos pois essas experiências formam o conjunto da pessoa e não somente os saberes. Isso não indica que todo esse funcionamento seja possível de ser desvendado numa investigação. Entretanto, a fração desse universo presente nas falas dos alunos nos permite conhecer melhor o quadro do trabalho na escola e nos questionarmos sobre a sua validade e pertinência. Um olhar mais detido nos leva a nos perguntarmos se é essa a escola que queremos. Em seguida, como poderemos atuar para transformá-la?

Ao analisar a comunicação na escola, o autor afirma que por vezes se pressupõe o aluno como transparente, um ator sem acesso aos bastidores, uma representação da criança que a nega como sujeito complexo e autônomo e conduz a uma rede de comunicação clandestina aprendendo a dissimular e fingir transparência. *A comunicação clandestina não procura opor-se ao professor, mas apenas a escapar ao seu controle* (1995: 176). Considera sociologicamente normal que uma parte da comunicação que se desenvolve na aula seja estranha àquilo que o professor considera como um assunto principal centralizando-se nas vivências numa rede paralela. É este o foco deste trabalho.

Para procurar entender "o que" e "como" se aprende na escola, na visão dos alunos, optou-se por investigar uma classe de 3ª série da rede pública de ensino fundamental. Essa série se mostrou adequada para o estudo porque além de permitir uma experiência anterior como aluno de no mínimo dois anos, também possibilita que a maioria já tenha contato com mais de um professor, podendo, inclusive, já ter frequentado mais de uma escola.

O objetivo da pesquisa foi o de analisar qual o sentido para os alunos do que é aprendido. Foram realizadas entrevistas com 37 crianças de uma classe de 3ª. série da rede pública de ensino fundamental – que mantinha a mesma composição desde a 1ª. série - durante o segundo semestre de 1998. Nas entrevistas cada criança deveria descrever a si mesma e a dois colegas sorteados dentro do universo da classe. Esse procedimento permitiu que as relações entre os alunos aflorassem, oferecendo muitos indicativos da situação de cada um no grupo e dos conteúdos de ensino, na percepção da crianças.

## **2) O grupo de meninas "turma da mão preta"**

Esse assunto surgiu na entrevista da aluna Carolina e é ela quem ofereceu informações a respeito. Ela disse que a "mão preta" é um grupo. Quando elas vão se reunir é feito um pequinique. Uma delas traz uma toalha e todas se juntam para tomar lanche no pátio da escola. Luíza, a chefe da turma, falou pouco sobre o grupo, mas é dela a explicação sobre a origem do nome:

Eu que inventei, eu li num livro da Ruth Rocha que chamava A turma da mão preta. (Luíza)

Sendo Carolina quem mais descreve o funcionamento do grupo é no seu depoimento que encontramos quem são as participantes, o "cadastro" e também descobrimos que além da "mão preta", existe a "mão loira":

...a Luíza falou pra todas as meninas: você quer ficar na mão preta, no meu grupo? Aí ela dá um bilhetinho, telefone, série, tudo. Tudo que tá lá a gente tem que responder, se a gente não responder a gente não é da mão preta. E também quem é da mão loira, que essa mão loira é só das grandes. Então tem as pequenas e tem a Raquel, a Regina, a Vanessa, a Carina, todas as meninas grandes vão tudo pra mão loira. (Carolina)

Só os meninos não podem entrar na mão preta e algumas das decisões do grupo é fazer frente às brincadeiras e "gracinhas" deles:

...quando a Luíza tá bem nervosa com os meninos. Gente, tem que ter uma

reunião, bem séria mesmo. Nossa, como ela fica brava. A gente, oh, meu Deus. Aí ela, se vocês não catarem aquele menino que eu tô com raiva, por causa que aquele menino fica puxando nosso cabelo. Aí depois... tem coisa que a gente pega os meninos, se eles vêm puxar nosso cabelo, a gente puxa também. Todos os meninos quando eles vão xingar a gente é pra ignorar, falar, 'ai, Luíza, tudo bem?' quando os meninos estão falando (Carolina)

Às vezes, um menino que não cumpre as regras referentes tanto à disciplina em sala de aula como àquelas relativas ao convívio com as meninas, torna-se alvo das decisões do grupo:

...o Bruno é muito chato, ele responde pra professora, então tem menina que não gosta dele. Então essas meninas é tudo da mão preta. (...) A gente fala assim, gente, não é pra conversar com o Bruno, ele responde pra professora. Se lembra no dia do aniversário da professora, a Luíza falando, eles jogaram coca, derrubaram coca na turma da mão preta? Nossa, o Bruno é muito bagunceiro, o Bruno... (Carolina)

O grupo também se reúne para fazer festas, como no aniversário da professora:

...no aniversário da professora, a Luíza catou a gente, todo mundo da mão preta. Daí ela falou assim, no aniversário da professora a gente vamos fazer uma surpresa. Assim, ela vai comer merenda, a gente vamos lá ficamos tudo lá. Daí no dia, né, a professora fala assim, eu vou sair, eu volto logo, logo. Aí a gente, a gente arranja assim, fica tudo grudado na minha carteira, a gente fala, fala, os meninos assim, e as meninas que é da mão loira fica assim, protegendo, pros meninos não vê. *[mostra o movimento de abraçar o grupo]*. Depois a outra lá da mão loira foi olhar e falou que a professora estava vindo, já fomos tudo pro lugar, já ficamos quietos, que era o dia do aniversário dela. Até a merendeira, todas as professoras ajudaram. Aí depois a gente saímos, *[para o lanche]* aí a gente entramos, até as professoras tava lá: 'Parabéns'. Foi a maior delícia. (Carolina)

Mas, além das festas, Luíza também inventa rituais para as participantes, ou algumas delas cumprirem. Novamente quem conta é Carolina:

... ela fala eu preciso muito falar com vocês. Depois daí chama, vem Bia, vem Ana e vem Carolina, daí pode ir três. Ela fala assim, o Carolina, primeiro fala pra mim. Carolina, você quer ainda continuar na mão preta? Eu falo, quero. Quer mesmo? É a última chance. Depois eu não vou dar mais nenhuma. Última chance pra falar. Aí a gente fala tá bom, a gente quer ficar.(... )Aí depois ela fala coisa séria. Se a gente quiser ainda continuar, a gente tamo passando quase pra mão bem forte, que tem a mão preta e a mão bem forte. Aí fala, pra vocês passarem pra mão bem forte tem que falar pro menino que eu gosto, a Lu, ela marcou um encontro com você. Se você falar e ele aceitar, aí você já passou pra mão bem forte. Aí ele falou assim, tá bom eu vou. Daí eu já passei pra mão forte. A Ana, ela falou assim você fala pra professora, ela falou um monte de palavra se é com s se é com z, essas coisas. Ela marcou tudo na mão pra passar

pra mão forte, né. Daí ela falou pra professora e deu pra Luíza. Aí a Luíza falou você já passou pra mão forte. Aí a Bia, ela tem fazer... nossa, falar assim, Guilherme, te amo, te amo, te amo... A Bia não queria falar isso que ela é muito vergonhosa. Aí ela, você não vai passar na mão preta. Ela falou tá bom, eu faço. Daí ela mandou o Tiago falar pro Guilherme. O Tiago falou, Guilherme, a Bia mandou falar que te ama, te ama, te ama. Daí ele falou, igualmente. Daí a Bia já passou pra mão forte. A gente já estamos na mão forte. (Carolina)

O grupo também tem regras de exclusão. Carolina oferece uma razão:

...se a gente ficar de mal, a gente sai da mão preta. A gente passa pra mão pior delas, a mão inimiga. (Carolina)

Nas reuniões da "mão preta" são discutidas as regras de convivência na escola.

Além disso, as participantes que passam por alguma dificuldade no relacionamento com os meninos são auxiliadas.

...ajudar a outra porque, assim, e tem que aprender muita coisa como respeitar os outros, não correr na hora do recreio, um monte de coisas e todo mundo dá idéia. (Carolina)

... a mão preta serve para não magoar as pessoas, pra esquecer os meninos. A minha amiga, ela gostava de um menino, mas ele não gostava dela, gostava de outra. Aí ela no outro dia ela passou pra mão preta e a mão preta já melhorou pra ela. Então ela esqueceu o menino e agora ela gosta de outro e ele também gosta dela. (Carolina)

A "mão preta" desaparece no ano seguinte, nem Luíza sabe explicar a razão:

... este ano tá meio parado. Acabou. A gente fazia amigo secreto, a gente fazia dança. Agora não tem mais nada. A gente ia fazer uma dança das *Spice Girls* para o dia das mães, mas não teve nada. (Luíza)

### **3) Considerações Finais:**

Como um grupo de alunas, secreto, fortemente dependente das idéias e das criações da autora, a "mão preta" parece ter tido uma vida breve. No entanto, é difícil avaliar o impacto dessa existência na vida de cada uma das participantes. Bem como difícil definir o que elas aprenderam com essa experiência e que tipo de aprendizagens foram realizadas. Possivelmente, o que as mobilizou a se unirem foi a necessidade de enfrentamento dos seus dilemas cotidianos na vivência numa organização complexa. Juntas, elaboraram estratégias para a atuação frente aos meninos, criaram ou avalizaram algumas regras de bom comportamento, celebraram a hora do lanche e o aniversário da professora, entre outras. Para nós, pesquisadores em educação, permanece a perspectiva de olhar um lado invisível da escola, mas profundamente vivo e pleno de significados.

### 3) Referências Bibliográficas

- APPLE, Michael W. *Conhecimento Oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- PERRENOUD, Philippe. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1995.

### ESQUEMA VISUAL DO PÔSTER

